

DOIS TIPOS DE JUSTIÇA: O QUE O PREGADOR TEM QUE FAZER?¹

Timothy Saleska

INTRODUÇÃO: A PREGAÇÃO E A JUSTIÇA DA FÉ

Como tornar alguém em um *tsaddik* (um homem justo)? Esta era uma pergunta que Reb Saunders precisava responder. Saunders era o líder espiritual da comunidade judaica hassídica russa no *bestseller* de Chaim Potok, *O Escolhido*.² Ele era um homem de sabedoria e compaixão que havia suportado um sofrimento inimaginável por seu povo durante a Primeira Guerra Mundial. Quando a guerra terminou, o rabino havia mudado com sua família e com a comunidade hassídica para os Estados Unidos da América (EUA). Nos EUA, teve um filho, a quem deu o nome de Daniel. Como filho primogênito de Reb Saunders, todos na comunidade esperavam que Daniel sucedesse seu pai como líder da comunidade. Ele foi “o escolhido”.

Um dia, quando Daniel tinha apenas quatro anos de idade, ele pegou um livro e o leu. Depois ele o repetiu de memória, palavra por palavra, de volta para o seu pai. Naquele dia, Reb Saunders percebeu que Deus havia dado a Daniel uma mente brilhante, “uma mente que é como uma joia”. Daniel começou a devorar livros como se fossem comida e água. Mas, por mais orgulhoso que Reb Saunders estivesse, ele logo percebeu algo mais

1 Tradução autorizada do artigo de SALESKA, Timothy. The Two Kinds of Righteousness! What’s a Preacher to Do? *Concordia Journal*, v. 33, n.2, April 2007. O autor agradece o colega Joel Biermann pela sua ajuda com a crítica deste artigo. Traduzido por Thiago Surian, pastor da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), em Uberlândia, MG.

2 POTOK, Chaim. *The Chosen*. New York: Ballantine Books, 1967.

sobre Daniel. Percebeu que, embora Daniel tivesse sido abençoado com uma grande mente, Deus não lhe havia dado um coração. E um coração era a coisa mais importante para um *tsaddik*. Daniel tinha uma mente magnífica, mas ele não tinha o coração de um *tsaddik*. O que o pai faria? Como ele poderia criar Daniel para ser um *tsaddik*? Como ele poderia dar um coração a Daniel?

O pai lutou com o problema e finalmente chegou a uma decisão: ele criaria seu filho em silêncio. Em outras palavras, o pai deixou de falar com Daniel e raramente até mesmo olhava diretamente para ele. A partir dos quatro anos até Daniel se formar na faculdade, o pai nunca mais teve uma conversa normal com seu filho. Durante a maior parte de sua juventude, Daniel carregou este terrível fardo de um pai silencioso.

Que jeito é esse de criar um filho? Perto do final da história, Reb Saunders tenta explicar isso a Reuven Malter, o amigo mais próximo de Daniel. Mas enquanto Reb Saunders fala, Reuven percebe que não estava somente falando com ele, mas através dele com seu filho, Daniel. Em certo momento, Reb Saunders, cheio de emoção, diz: “Aprende-se a dor dos outros ao sofrer a própria dor... E é importante saber da dor... Ela destrói nossa autoestima, nossa arrogância, nossa indiferença para com os outros. Ela nos torna conscientes de quão frágeis e minúsculos somos e de quanto devemos depender do Mestre do Universo”.

O PROBLEMA PATERNO

Como você faz de alguém um *tsaddik* (uma pessoa justa)? Para o cristão, um *tsaddik* é alguém que tem tudo “certo” com Deus, ou seja, alguém que está em um relacionamento correto com ele. Um *tsaddik* é também alguém que cumpre o plano de Deus para a vida humana – alguém que vive no relacionamento que Deus quer não apenas com o próprio Criador, mas também com sua criação.³ Como se faz de alguém um *tsaddik*? Esse é um problema também para nosso Pai celestial. E nosso Pai celestial, por enquanto, também escolheu o silêncio como seu caminho. Em uma

3 KOLB, Robert, “Luther on the Two Kinds of Righteousness: Reflections on His Two-Dimensional Definition of Humanity at the Heart of His Theology”, *Lutheran Quarterly* 13 (1999): 450-452, 455-456; ARAND, Charles, “Two Kinds of Righteousness as a Framework for Law and Gospel in the Apology”, *Lutheran Quarterly* 15 (2001): 420-421.

observação perspicaz, o pai de Reuven diz a seu filho: “Talvez seja a única maneira de criar um *tsaddik*”.

E assim sofremos o silêncio do Deus Todo-Poderoso todos os dias de nossas vidas. Em nosso mundo, é o mal que orienta tudo. A doença, a pobreza, a violência e o desastre se espalham. Mas Deus permanece em silêncio. Ele deveria estar no controle, mas ele deixa tudo passar sem uma palavra. O que devemos pensar? Num minuto Deus se faz de tirano do mundo, e no minuto seguinte seu rei benevolente. Ele é bondoso para uns e cruel para outros. O que devemos pensar? Deus não responde por nada disso.

Em momentos críticos de nossas vidas – momentos de angústia ou tristeza – o silêncio de Deus se torna pessoal e doloroso. Deus mantém um silêncio terrível quando eu quero respostas!

“Por quê?” Eu me pergunto. Qual é o objetivo? Será que este Deus existe mesmo? E o que ele pensa de mim? O que está no coração dele quando ele olha para mim? Quando eu morro, então o quê? Mais cedo ou mais tarde poderei me encontrar com este Deus. O que ele vai dizer? E se ele conhece meus pensamentos?

O silêncio de Deus torna-se doloroso quando se torna pessoal, porque inevitavelmente interpretamos seu silêncio diante de nosso sofrimento como nos desaprovando – e concordamos com a punição. Todos sabemos que, diante de uma atrocidade, se alguém com o poder de deter a insanidade se mantém em silêncio, tal silêncio sinaliza o consentimento. Se um rei permanece em silêncio enquanto soldados espancam seu servo, o rei é um cúmplice. Será que o silêncio de Deus diante do sofrimento sinaliza seu consentimento? Será que ele sinaliza sua ira contra nosso pecado e seu julgamento imanente? Moisés tinha tais medos, e nós também de certa forma deveríamos ter: “Pois todos os nossos dias se passam na tua ira; acabam-se os nossos anos como um breve pensamento. Quem conhece o poder da tua ira? E a tua cólera, segundo o temor que te é devido?” (Sl 90.9,11 NAA).

O que você pode fazer em relação a um Deus que não fala? Jó também fez essa pergunta (Jó 23). No entanto, naqueles momentos em que o silêncio é mais ensurdecedor, é quando devemos nos dar conta de que o silêncio não é total. Deus não é completamente silencioso. Nem Reb Saunders. Perto do final do livro, em uma revelação surpreendente

a Reuven, o grande rabino lhe agradeceu pela bênção que tinha sido para seu filho, Daniel. Então ele disse: “O Mestre do Universo o enviou a meu filho. Ele o enviou quando meu filho estava pronto para se rebelar. Ele te enviou para ouvir as palavras de meu filho. *Ele te enviou para ser meus olhos fechados e meus ouvidos selados* (ênfase acrescentada)”.

Em outras palavras, Reb Saunders viu Reuven como uma extensão de si mesmo. Ele continuou a relação que o pai não conseguia. E, de fato, ao longo do livro, aprendemos como Reuven funcionava como amigo de Daniel contra o pano de fundo daquele silêncio horrível. Ele trouxe alegria e esperança a Daniel, e assim, em consonância com o silêncio do pai Reuven foi de grande ajuda para dar a Daniel o coração de um *tsaddik*.

Mas de uma forma muito mais profunda (e aqui a analogia que tenho feito falha em capturar completamente a natureza da realidade) Deus nos enviou um Amigo, uma Palavra final sobre o assunto, “gerado de Seu Pai antes de todos os mundos, Deus de Deus, Luz de Luz, Verdadeiro Deus de Verdadeiro Deus... que para nós homens e para nossa salvação desceu do céu” ... Uma Palavra de Deus contra o pano de fundo desse silêncio horrível”. É somente em Cristo que o próprio Deus nos fala (Jo 1.1-14; Hb 1.1). Em Cristo, vemos o que está no coração de Deus e quais são suas intenções para conosco: “Ninguém jamais viu Deus; o único Deus, que está ao lado do Pai, ele o fez conhecido” (Jo 1.18).

Esta Palavra é um presente de Deus para nós em todo o seu silêncio. É a dádiva da *justiça*. Jeremias diz isso bem: “Eis que vêm dias, diz o SENHOR, em que levantarei a Davi um Renovo justo... Nos seus dias, Judá será salvo, e Israel habitará seguro. E este será o nome pelo qual será chamado: SENHOR, Justiça Nossa” (Jr 23.5-6 NAA). Em Cristo, Deus fala a palavra de reconciliação. Ele nos mostra seu favor e restaura o relacionamento com ele e que ele pretendia que tivéssemos. Deus resolve o problema de nossa justiça dando-nos a justiça que ele quer que tenhamos.⁴ Na pessoa e obra de Cristo, Deus restaurou nossa identidade

⁴ Esta é a “justiça de fé” da qual Melanchton, por exemplo, escreve: “Porém, por ser exclusivamente pela fé que aceitamos o perdão dos pecados e a reconciliação por causa de Cristo, só a fé justifica, porque os reconciliados são considerados justos e filhos de Deus, não por causa de sua própria pureza, mas por misericórdia por causa de Cristo, desde que apreenderam dessa misericórdia pela fé” (Ap IV, p.170:35). Todas as citações das Confissões são retiradas de LIVRO DE CONCÓRDIA:

como seus filhos e nos deu a paz com ele. Isso significa que em Cristo nós somos a justiça de Deus.⁵

A tarefa do pregador

O pregador tem a honra de servir a Cristo e seu dom de justiça ao povo que vem para ouvi-lo. As pessoas que estão tendo crises de identidade vêm para ouvir o pregador. Elas podem não ter mais certeza de quem são ou a quem pertencem. Elas podem ter esquecido, ou podem nunca ter sabido. Podem estar esmagadas pelo silêncio de Deus em relação aos fatos de suas vidas, ou podem estar prontas a se rebelar contra ele. Nesses casos, o silêncio fez seu trabalho. As pessoas se sentem frágeis e minúsculas e procuram uma voz, uma palavra de esperança, uma luz na escuridão!

Outros vêm sentindo-se bastante autoconfiantes. Eles são bem-sucedidos. Eles vivem bem. Eles não são particularmente compassivos ou interessados na situação dos outros. Eles não estão preocupados consigo mesmos. E eles não estão nada preocupados com Deus. Por isso, o pregador os lembra. Ele interpreta o silêncio e o traz à frente de suas vidas para que comecem a pensar em Deus como Moisés fez – e Jó e São Paulo e Martinho Lutero. *O que é a pregação da lei, senão uma interpretação adequada do Deus silencioso?*

Isso confirma nossas suspeitas de que Deus está zangado com nosso pecado, que não medimos nem podemos medir, e que não há como fugir de suas garras. O que o Espírito Santo faz como sua obra exterior através da pregação da lei, a não ser aterrorizar o coração para que ele se sinta frágil,

as confissões da Igreja Evangélica Luterana. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia; São Leopoldo: Comissão Interluterana de Literatura, 2021. Trad. Arnaldo Schüller; rev. Nélio Schneider e Vilson Scholz.

5 Já aqui, então, as duas dimensões da vida cristã estão implicadas. Primeiro, a justiça da fé nos dá nossa identidade como filhos de Deus. Mas também, se em Cristo somos realmente a justiça de Deus como Jeremias sugere, é também nossa missão encarnar e manifestar essa justiça em nossas vidas - da forma como servimos àqueles que nos rodeiam. De forma paralela, Cristo se chama a si mesmo a “luz do mundo” em cumprimento do Servo descrito em Isaías 49.6. Mas Paulo também afirma que ele e seus companheiros cristãos cumprem esse papel ao levar o evangelho às nações (At 13.47; cf. At 1.8). Em Cristo, nós somos “o Servo” que é a luz para as nações. Em Cristo, somos “a justiça de Deus” que reflete a justiça de Cristo no mundo. Então o Senhor também nos diz: “Eu, o SENHOR, chamei você em justiça; eu o tomarei pela mão, o guardarei, e farei de você mediador da aliança com o povo e luz para os gentios; para abrir os olhos dos cegos, para tirar da prisão os cativos, e do cárcere, os que jazem em trevas” (Is 42.6-7 NAA).

minúsculo e dependente? “Deus resiste aos orgulhosos, mas dá graça aos humildes” (Sl 138.6; Is 66.2; Tiago 5.6; 1Pe 5.5). Somente então, porque Deus quer, uma pessoa pode se tornar um *tsaddik*.

Um *tsaddik*! Uma pessoa justa! Uma pessoa justa com Deus e cujo relacionamento com o Criador é como o Criador quis e quer. É este o objetivo do pregador. Ele não está tão interessado em falar sobre Cristo ou explicar “como as coisas funcionam”, mas em dar a bênção de Cristo, a boa Palavra de sua justiça, às pessoas que sentem o peso de um Pai silencioso. Portanto, ao proclamar as bênçãos de Cristo, o pregador age em nome de Deus para levar sua Palavra às pessoas, dando-lhes uma nova identidade, um novo nome: “o Senhor é nossa Justiça”.

Através da proclamação do perdão pelo pregador, as pessoas são realmente mortas e ressuscitadas. O velho é despojado para dar lugar ao novo. Os corações são fortalecidos e renovados! E a Palavra servida pelo pastor mata e ressuscita de novo e de novo na vida cristã, na absolvição e nos sacramentos. Pregar a Palavra é uma ocasião de alegria como o nascimento de um bebê, como uma ressurreição, porque Cristo traz vida no meio da morte. Se a pregação traz a ressurreição dos corações mortos, como você pode ter ressurreições demais acontecendo? Contra o silêncio esmagador de Deus, que gera raiva e morte, o pregador traz uma Palavra do coração de Deus, que anuncia justiça e vida aos pecadores que vivem no silêncio de Deus.

Devido a este entendimento sobre a função da Palavra pregada, Lutero descreve a pregação em termos sacramentais. Pregar a Palavra é fazer a mesma coisa que os sacramentos – entregar Cristo e todas as suas bênçãos.⁶ Lutero tinha em mente que um sermão era “uma manifestação do Verbo encarnado da Palavra escrita pela palavra falada”.⁷ O pregador dá testemunho da Palavra encarnada na palavra escrita pela palavra falada. A pregação é a Palavra de Deus da mesma forma que a palavra falada na criação.⁸

6 G. Forde, “Preaching the Sacraments”, *Lutheran Theological Seminary Bulletin* 64 (1984): 3-4.

7 Uma citação de Bernard Lord Manning, referida por David Steinmetz, “Luther, the Reformers, and the Bible”, in *Living Traditions of the Bible*, ed. James E. Bowley (St. Louis: Chalice Press, 1998), 169.

8 *Ibid.*, 169.

PREGANDO A JUSTIÇA DAS OBRAS

Da identidade à prática

Mas não é aqui que toda essa conversa em ser um *tsaddik* termina para um cristão! Os cristãos não são convidados a sentar-se e esperar passivamente pela *parousia*. Reb Saunders também não estava interessado nisso. Quando Daniel finalmente disse a seu pai que não iria ocupar o lugar dele como líder da comunidade hassídica, Reb Saunders o deixou ir. Ele sabia que Daniel tinha o coração de um *tsaddik*. Era a sua identidade. Mas ele ainda se perguntava se Daniel iria viver como um *tsaddik*. Será que suas atividades mostrariam aos outros o que ele era no coração? Daniel disse a seu pai que viveria como um *tsaddik*. E sabia como fazer isso porque ao longo de sua vida seu pai o havia instruído sobre os ensinamentos dos rabinos. Na verdade, a única vez em que ele falou com Daniel foi quando eles estavam estudando o Talmude juntos, quando o pai estava ensinando ao filho o que significava viver como um *tsaddik*.

Como cristãos – pessoas que receberam corações justos – nós também vivemos nossas vidas neste mundo e não separados dele. Os cristãos cumprem vários papéis na sociedade, e nós usamos nossa razão, dada por Deus, nossos dons e nossas habilidades, como todos os outros. Ao realizarmos nossas tarefas como seres humanos, será que vamos viver como pessoas justas que somos? Ou seja, será que nossas obras vão refletir nossa identidade? Na alegria que os cristãos têm pelo dom da justiça, que é nosso em Cristo, não esquecemos o outro lado de ser um *tsaddik* neste mundo – a vida de justiça vivida para o nosso próximo e para o resto da humanidade. O primeiro tipo de justiça – a justiça passiva, que é um dom gratuito – não abole o segundo tipo de justiça – as boas obras que perseguimos em nossa vida diária.⁹

As duas dimensões da justiça estão, é claro, ligadas. Elas, juntas, compõem o que significa ser uma criatura humana, como o Criador pretendia que fossem. Robert Kolb descreve bem a vida cristã em suas duas dimensões:

A vida humana é cruciforme – olhos levantados para focar em Deus, pés firmemente plantados em seu planeta terra, braços estendidos

⁹ Kolb, “Luther on Two Kinds of Righteousness,” 455-456.

em apoio mútuo daqueles que Deus colocou ao nosso redor. Ter o foco de nossas vidas voltado para Cristo estende inevitavelmente nossos braços para nosso próximo. O ser humano é verdadeiramente humano, isto é, correto ou funcionando corretamente (de acordo com o projeto de justiça humana que Deus fez) quando sua identidade se expressa nas atividades que fluem dessa identidade.¹⁰

Como Lutero o descreveu, esta justiça ativa é fruto e consequência do primeiro tipo (Gl 5.16-26). Deus nos dá um novo nome e nos reconcilia consigo mesmo. Respondemos ativamente ao seu dom de justiça, fazendo as obras da carne e produzindo ativamente o fruto do Espírito: “Se vivemos pelo Espírito, caminemos também pelo Espírito”, escreve Paulo (Gl 5.25).

A tarefa do pregador

A fé envia os cristãos de volta ao mundo para servir ao seu próximo. O apóstolo Tiago salienta que este é um aspecto importante de nossa vida cristã: “Meus irmãos, qual é o proveito, se alguém disser que tem fé, mas não tiver obras? Será que essa fé pode salvá-lo? Se um irmão ou uma irmã estiverem com falta de roupa e necessitando do alimento diário, e um de vocês lhes disser: ‘Vão em paz! Tratem de se aquecer e de se alimentar bem’, mas não lhes dão o necessário para o corpo, qual é o proveito disso? Assim, também a fé, se não tiver obras, por si só está morta” (Tg 2.14-17 NAA).

Os cristãos são responsáveis por viver uma vida que reflita o amor de Deus para com os outros seres humanos e para com o resto da criação de Deus. Deus também pressupõe que os cristãos devem servi-lo de acordo com vontade dele e não de acordo com a sua própria vontade particular. Portanto, o ensino é sobre boas obras e como elas devem ser feitas. Isso significa que parte do trabalho do pregador é instruir seu povo sobre como “é” a vida de um *tsaddik* cristão e exortá-lo a viver como o povo justo que Deus o chamou a ser.

Essa tarefa sempre foi importante, porque a cultura em que vivemos também está formando nosso pensamento sobre a moralidade e as escolhas de estilo de vida que fazemos. O que nossos filhos aprendem todos os dias? A cultura os instrui a cada passo que o princípio moral, a diferença

10 Kolb, “Luther on Two Kinds of Righteousness,” 455-456.

entre o certo e o errado, não é um dado adquirido. Isso deixa uma lição particularmente clara: somos todos livres para “tomar nossas próprias decisões” à medida que avançamos e conforme nossos sentimentos ditam.

Como explica Lesslie Newbigin, em nossa cultura moderna, o mundo das crenças e valores, o mundo do “certo e do errado” é um mundo privado, um mundo de escolha pessoal. Quando se trata de questões morais – questões de certo e errado – nossa cultura nos ensina que somos livres para seguir nossa própria preferência. A conduta pessoal e o estilo de vida, desde que não estejamos prejudicando ninguém mais, não devem ser julgados. Não há estilos de vida “certos” ou “errados”.¹¹

Porque os cristãos ainda têm corações pecadores, aqueles que vêm ouvir uma palavra do pregador, vêm, em um grau ou outro, com essas suposições em mente. Eles podem estar confusos ou ter pouca clareza sobre certas questões. Eles podem estar enfrentando certas decisões e estão confiando apenas em seus sentimentos para guiá-los. Podem ter problemas em seus relacionamentos, mas não sabem o que devem fazer. Podem não ter a menor ideia de como viver como cristãos, como um *tsaddik*, no mundo moralmente ambíguo. *Há uma coisa que o pregador sabe: seu povo está sendo moldado todos os dias de maneiras que negam o “caminho do Senhor”, ou seja, de maneiras que negam o que significa ser humano como Deus pretende.*

A fé cristã tem uma visão muito diferente do que significa ser verdadeiramente humano: “Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas” (Ef 2.10 NAA). Na criação, Deus nos projetou com nossa natureza para fazermos as obras que ele preparou para fazermos. Ele “nos armou” para saber a diferença entre o certo e o errado. Ele deu a suas criaturas humanas uma “bússola moral” para guiá-las em seu comportamento e no tratamento de seus semelhantes. Isto é parte do que significa ser um ser humano, viver como um *tsaddik* na criação de Deus.

Nosso pecado, é claro, turvou nosso julgamento e entorpeceu nossa consciência. Ainda que Cristo nos tenha libertado do pecado e da morte, o pecado permanece em nós e continua nos tentando a pensar que somos

¹¹ Lesslie Newbigin, *Foolishness to the Greeks: The Gospel and Western Culture*. Grand Rapids: Eerdmans, 1986, p.19.

nossos próprios deuses e que podemos tomar nossas próprias decisões de estilo de vida como achamos conveniente. Com efeito, nossa natureza pecaminosa está sempre nos tentando a negar nosso *status* de criaturas humanas criadas por Deus. Como resultado, muitas vezes fazemos o que sabemos que não devemos e que é errado (Rm 7.7-25).¹² Para nos livrarmos da culpa que vem de irmos contra o que somos e o que sabemos, tentamos a negação ou a autojustificação ou racionalização. Em última análise, todas essas estratégias falham.

Somente o dom da justiça de Cristo pode tirar essa culpa. Através dessa Palavra, o Espírito Santo vem a nós e habita em nós. Ele nos assegura que, por Cristo, somos perdoados (Rm 8.9; 1Co 3.16; Ef 5.18; Jo 14.17). Por causa dele, somos novas criaturas – uma nova criação. A velha culpa se foi; a nova liberdade chegou!

Mas, como diz Paulo, somos criados em Cristo Jesus para boas obras! Isso significa que em Cristo, Deus nos (re)cria para sermos as criaturas que ele originalmente pretendia, e é assim que ele quer que vivamos neste mundo. Colocamos em exercício o homem novo, que se renova em conhecimento pela imagem daquele que o criou (Cl 3.10).

Essa nova realidade, a realidade do Espírito Santo e de Cristo em nós (Gl 2.20), significa que em nosso coração, como pecadores perdoados, também amamos a vontade de Deus para nossas vidas. Agora o “eu verdadeiro” quer obedecer à vontade de Deus mesmo enquanto a carne pecaminosa guerreia contra ela e opera a desobediência (Rm 7.7-25). A vontade de Deus para a vida humana, as boas obras que ele preordenou para nós e o senso de moralidade que ele construiu em nós, são algo que queremos seguir, porque nossa mente e nosso coração foram transformados. Nós temos a mente de Cristo (Fp 2.5). Portanto, enquanto a lei continua a nos acusar e ameaçar por causa de nossa consciência pecaminosa, a lei não só ameaça e acusa nossa consciência, ela também é um “desfrutar”, porque nos mostra o que Deus quer que façamos e ecoa a alegria de nossos novos corações!

A lei, como a lemos na Bíblia, é uma reflexão ou elaboração da vontade de Deus para suas criaturas. Ela está em nossos corações, porque

12 J. Budziszewski, *What We Can't Not Know* (Dallas: Spence Publishing, 2003), 66-67. Sobre a lei natural ver ainda: C. S. Lewis, *The Abolition of Man: How Education Develops Man's Sense of Morality*. New York: McMillan, 1947.

Deus nos criou dessa maneira e nos recriou dessa maneira em Cristo. Na Bíblia, incluindo os Dez Mandamentos, que são um resumo da vontade de Deus para nossas vidas, há também material como Provérbios, que tem os Dez Mandamentos como fundamento e se baseia neles para que aprendamos a viver sabiamente (como verdadeiros *tsaddikim*). Nisso também se inclui o material parenético nas epístolas, onde Paulo dá instrução em muitas áreas da vida humana com base no ensinamento moral que Deus colocou em todos nós (Rm 1-2, por exemplo).

É por isso que o salmista pode dizer que o povo de Deus ama a lei que Deus deu e medita sobre ela (Sl 1). Meditamos nela, porque sabemos que é a verdade (Sl 119.151). Isso é bom e louvado por Deus, que promete bênçãos àqueles que a cumprem.¹³

Portanto, o pregador não só entrega para as pessoas a justiça de Cristo, de modo que pela sua Palavra eles se tornem *tsaddikim*, mas também exorta, suplica e os instrui em como viver como *tsaddikim* neste mundo.¹⁴ O pregador opera em ambas as dimensões. As pessoas precisam e querem ouvir como os cristãos devem viver. E porque sua carne pecaminosa ainda guerreia dentro delas, mesmo tendo uma nova identidade em Cristo, elas precisam de exortação negativa e positiva para fazê-lo.¹⁵ É tão fácil esquecer, e as pessoas ouvem tantos “conselhos” de outras fontes. Elas querem ajuda com decisões difíceis. Agora mais do que nunca, os cristãos precisam ouvir o que significa ter um casamento cristão, como um marido

13 “Todavia de bom grado damos os devidos louvores a essa justiça [da razão], pois a natureza corrupta não possui bem maior do que esse. Aristóteles diz corretamente: ‘Nem a Véspera nem a estrela da manhã são mais formosas que a justiça’. Deus mesmo a adorna com dotes físicos, mas ela não deve ser louvada mediante ultraje a Cristo” (Ap IV, p.160:15).

14 P. Raabe e J. Voelz, “Why Exhort a Good Tree?: Anthropology and Paraenesis in Romans”, *Concordia Journal* 22 (1996), p.160, escrevem sobre a exortação de Paulo: “Quinto, deve-se notar que a intenção de Paulo na parênese não é acusar os romanos como pecadores. Ele faz isso nos capítulos 1-3, onde o tom é notavelmente diferente. A parênese usa a linguagem de exortar, apelar e suplicar em vez da linguagem de exigir e condenar severamente. Os cristãos, como pecadores, ainda podem ouvir a parênese como acusatório? Sem dúvida, eles podem. Se os destinatários não pagassem impostos, presumivelmente teriam se sentido acusados em 13.6-7. Mas provavelmente havia outros ouvintes na igreja de Roma que viram a justiça do apelo de Paulo e abraçaram isso de bom grado”.

15 Há muitos anos, meu sogro, que é um dedicado empresário cristão, lamentou para mim a falta deste tipo de discurso do púlpito. Ele disse: “De vez em quando eu preciso ouvir: ‘Não trapaceie seus impostos! Isso é errado! Não roube! Não minta!’ e assim por diante”. Com razão, ele procurou esse tipo de orientação para a vida diária como cristão.

e uma esposa cristãos devem se tratar e como não deveriam fazê-lo. Eles precisam ser lembrados de como os cristãos devem se comportar em seus locais de trabalho e em seus relacionamentos com seus vizinhos, lembrando o que realmente é “certo e errado”, “bom e ruim” e assim por diante.

Nesta dimensão horizontal – a justiça das obras – o pastor deve estar consciente de que está operando principalmente dentro da esfera da “lei”. Em sua fala dentro desta dimensão, a lei funcionará para acusar (*lex semper accusat*), mas também instruirá, incitará, encorajará, de acordo com a condição do coração do ouvinte e do trabalho do Espírito. Isso é o que a lei faz. Essa dimensão tem seu lugar na formação de um *tsaddik* e em relação de acordo com a dimensão vertical. “[As duas dimensões] entram em conflito somente quando a justiça das obras se torna a base de nossa justiça diante de Deus ou quando a justiça da fé é usada para eliminar a necessidade de fazer boas obras.”¹⁶

Quando boas obras são mantidas em seu relacionamento adequado, um pastor reconhecerá que está falando à consciência, assim como a razão e o intelecto de seus ouvintes para ajudá-los a aprender como Deus quer que eles vivam. Ele quer dar a direção apropriada para seus passos na caminhada da vida.

O pastor aborda esta tarefa, então, com o entendimento de que a lei escrita é um reflexo da lei natural, que Deus colocou no coração de todos nós, e que é criada de novo naqueles em quem o Espírito vive. O pastor, então, em sua pregação nesta dimensão, elabora de várias maneiras sobre as implicações da instrução de Deus para a vida cristã. Ele está interessado em interpretá-la corretamente e aplicá-la de maneira relevante e prática à vida cristã. Às vezes, ele advertirá sobre os perigos de negligenciar a vontade de Deus para suas vidas. Outras vezes, ele encorajará positivamente.¹⁷ Ele está interessado em persuadir seus ouvintes a agirem de maneiras agradáveis a Deus. Por exemplo, Paulo fala sobre os papéis de maridos e esposas em Efésios 5 (cf. Cl 3.18-4.1; 1Pe 2.13-3.7). Aqui ele trata das relações familiares, um tópico que é fonte de muita confusão hoje e de grande relevância. O que Paulo diz sobre a relação entre marido e mulher? Como ele reflete sobre a instituição do casamento dada por Deus? Que

16 Arand, “Two Kinds of Righteousness”, *Concordia Journal*, p.427.

17 Raabe, Voelz, “Why Exhort a Good Tree?”, *Concordia Journal*, p.159.

orientação ele oferece às famílias hoje em dia? Um pastor buscará outros que tenham pensado no que Paulo está dizendo e no que outras partes da Escritura dizem sobre este tópico para que ele possa ajudar seu povo a encarnar em seu comportamento o que Deus pretende para o homem e a mulher que ele criou para estar em parceria um com o outro, em primeiro lugar. O que significa essa “parceria”? O que não significa? O que deve parecer? O material da epístola de Paulo nos dá a oportunidade de abordar este tema de uma maneira agradável a Deus.

Na verdade, as Epístolas em geral são os textos óbvios para este tipo de pregação. Como outros já assinalaram, Paulo fundamenta sua parênese nas promessas evangélicas. Ele fundamenta suas exortações na obra de Cristo e nas promessas sobre a salvação vindoura que aguarda o povo de Deus.¹⁸ Naquele tempo, os dois tipos de justiça se tornarão “um” em nossa identidade plenamente realizada como criaturas de Deus. Entretanto, é claro que Paulo está interessado tanto na identidade quanto no desempenho.

Os pastores podem tirar proveito disso, conduzindo seu povo através de uma Epístola como uma série de sermões. Seguindo o método de Paulo, neste tipo de pregação expositiva, ele seria capaz de proclamar às pessoas “a justiça da fé” e dar-lhes o conforto do evangelho. Ele também poderia falar das implicações disso para suas vidas, encorajando, advertindo e instruindo-as a viver como o povo que foi chamado das trevas para ser: os *tsaddikim* de Deus na identidade e na prática.

18 Ibid., 158.